



Ser feliz no exercitar: Agostinho, Hadot e os exercícios espirituais

Be happy to exercise: Augustine, Hadot and the spiritual exercises

João Victor de Souza Silva¹

Resumo: A felicidade e a maneira de viver que conduz o homem a este estado sempre é tema de discussão e investigação no presente e nas mais antigas expressões culturais da humanidade. A preocupação que a temática desperta afeta a todos, pois o assunto diz respeito à completude que o indivíduo deseja ter e a realização que se pretende possuir na vida. Dessa forma, o presente artigo tem como propósito investigar o tema da felicidade no *De beata vita*, uma das mais antigas obras do filósofo Agostinho compostadurante o seu *Christianae vitae otium* no Cassiciaco, a partir da concepção de *Exercícios Espirituais* em Pierre Hadot, preocupando-se em apresentar a posse da vida feliz como um caminho de exercícios de formação do espírito que podem ser desenvolvidos por todo aquele que se dedica ao ideal agostiniano de felicidade.

Palavras-Chave: Vida Feliz. Maneira de viver. Agostinho. Pierre Hadot.

Abstract: Happiness and the way of life that leads man to this state is always the subject of discussion and investigation in the present and in the oldest cultural expressions of humanity. The concern raised by the theme affects everyone, as the subject concerns the completeness that the individual wants to have and the fulfillment that one intends to have in life. Thus, this article aims to investigate the theme of happiness in *De beata vita*, one of the oldest works of the philosopher Augustine composed during his *Christianae vitae otium* in Cassiciaco, from the conception of *Spiritual Exercises* in Pierre Hadot, worrying about in presenting the possession of a happy life as a training path for the formation of the spirit that can be administered by everyone who dedicates himself to the Augustinian ideal of happiness.

Keywords: Happy life. Way to Live. Augustine. Pierre Hadot.

Introdução

“No princípio era a felicidade”. Talvez a frase seja verdadeira se considerássemos que a felicidade só existiu em uma era longínqua e lá se findou, portanto, não sendo necessário procurá-la. Mas não pode ser assim, pois, desde o início da filosofia, vários pensadores estiveram² e estão à procura de algo, e a felicidade faz parte da

¹Cursando a pós-graduação *lato sensu* em Ciência da Religião e bacharel em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: Joavictor.souza@estudante.ufjf.br. O artigo foi desenvolvido a partir do meu TCC do bacharelado interdisciplinar em Ciências Humanas da UFJF.

²Conta-se que, Tales de Mileto (625 – 545 a.C.), um dos precursores da filosofia, “... teria sido tirado de casa por uma mulher idosa para observar as estrelas e caiu numa vala: ao gritar por socorro, a mulher

empreitada filosófica. Os maiores clássicos trabalharam com o problema: a *República* de Platão, a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, as *Confissões* de Agostinho, o Tratado da Felicidade na *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, os *Pensamentos* de Pascal, a *Ética* de Spinoza, e o *Ou isso, ou aquilo* de Kierkegaard (KREEFT, 2016). Todavia, com o renascimento italiano e a revolução científica no século XVII, que lançou luz sobre a ciência moderna, o que parece ter deflagrado o surgimento de uma acentuada ruptura entre ciência e filosofia, o abandono e desprezo em relação ao tema acabou sendo gerado.

Tal ruptura apresentou fortes implicações com o alvorecer do positivismo no século XIX, onde a ciência foi tida como um instrumento de grande potencial para a melhoria das condições de vida do homem. Dessa forma, a ciência se tornou um modelo para todas as áreas do saber humano. Embora a felicidade seja condição essencial para a boa vida, o tema ficou em segundo plano, pois o foco da filosofia foi reduzido à incorporação de uma metodologia e epistemologia científicista, sendo o assunto da beatitude relegado quase que somente ao âmbito da teologia, mas retornando à discussão filosófica no interregno dos séculos XIX e XX (DALPRA, 2008). Diante dos diversos autores que trabalharam com a temática, julgamos ser Agostinho um escritor de destaque por tomar para si a filosofia como veículo de investigação na busca da vida feliz, vida esta que só é possível com a posse de Deus, finalidade última do homem, segundo a perspectiva cristã adotada pelo nosso filósofo, teólogo e bispo. Portanto, tendo-o como pensador de destaque na discussão do assunto, pretende-se destacar o procedimento e o caminho adotado por ele.

Dessa forma, o artigo abordará a discussão sobre a felicidade feita pelo hiponense em seu livro *De beata vita*, investigando a busca pela felicidade e sua posse sob a leitura dos *Exercícios Espirituais* de Pierre Hadot, cujo trabalho identifica maneiras de viver presentes nas escolas do período helenístico. Sendo assim, propõem-se identificar possíveis exercícios espirituais em Agostinho que corroboram para uma “maneira de viver agostiniana” aos moldes de Hadot no diálogo de Agostinho. Para tal, o artigo estará dividido em eixos principais: a) Apresentação de Hadot e de sua perspectiva a

respondeu-lhe: “Imaginas poder conhecer o que existe nos céus, ó Tales, quando não consegues enxergar o que vai adiante de teus pés?” (BARNES, 2003, p. 79). O trecho apresenta o espírito grego, sempre curioso, observador, inquiridor, que busca sempre refletir e compreender o que está ao seu redor, mas que também se entrega aos assuntos dos mais diversos e elevados como a vida feliz. Cf.: GLOTZ, Gustave. *Histoire Grecque, tomo I*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948

respeito dos exercícios espirituais; e, b) Uma investigação sobre a possibilidade do livro *De beata vita* apresentar os possíveis exercícios que formam e transformam o indivíduo.

1. Pierre Hadot e o problema

Nascido em 21 de fevereiro em 1922, em Paris, Pierre Hadot recebeu uma educação que fez com que cultivasse o interesse pela filosofia antiga, levando-o a dedicar a maior parte da sua vida aos estudos e pesquisas filosóficas com ênfase nas escolas como o estoicismo, epicurismo, ceticismo e platonismo³. Em suas pesquisas, Hadot percebeu que a filosofia antiga “foi incorporada pelo cristianismo, sendo algo evidente e presente em Clemente de Alexandria e muito intenso no movimento monástico” (HADOT, 2014a, p. 267-268). Segundo ele,

... se o cristianismo pôde se apresentar como uma filosofia, isso reitera o fato de que a filosofia era concebida na Antiguidade como um modo de vida. Se filosofar é viver em conformidade com a lei da Razão, o cristão é um filósofo porque vive em conformidade com a lei do Logos, da Razão divina (Justino, *Apol.*, I, 46, 1-4). Para se apresentar como filosofia, o cristianismo teve, aliás, de incorporar elementos tomados da filosofia antiga, fazer coincidir o Logos do Evangelho de João com a Razão cósmica estoica, depois com o Intelecto aristotélico ou platônico (HADOT, 2014a, p. 267).

Essa união progrediu, mas com a criação das universidades por parte da Igreja da Idade Média entre os séculos XII e XIII d.C., observou-se também o fim da confusão que existia entre filosofia e teologia. Na verdade, a filosofia perdeu seu trono e foi colocada como “serva da teologia”⁴, fornecendo apenas o material do labor teológico. Com isso e a formação da escolástica, “o ensino não se dirige mais” para a formação de homens que se deseja formar, “mas a especialistas para que aprendam a formar outros especialistas” (HADOT, 2014a, p. 219), havendo, portanto, um afastamento dos antigos exercícios que visam esculpir o homem vivo com base em um ideal. Como consequência, que se estende até a modernidade, a filosofia foi reduzida ao discurso filosófico, mantendo-se

³Para uma breve e interessante apresentação biográfica do nosso filósofo, cf.: HOFFMANN, Philippe. **Pierre Hadot (1922-2010), in memoriam**. Archai: Revista de Estudos sobre as origens do Pensamento Ocidental, Brasília, n° 18, p. 291-316, 2016.

⁴ Cf.: NASCIMENTO, C. A. R. **A Serva da Teologia e a Dama dos Salões**. HUMANIDADES, Brasília, v. 8, n° 3, p. 281-287, 1992.



divorciada da transformação de vida que resulta em uma prática constante.

O problema gerado diz respeito ao afastamento que a filosofia moderna apresentou da importância da filosofia como uma pedagogia do sentimento⁵ e formadora do espírito, pois esse é um dos fins dos exercícios espirituais. O que se seguiu foi uma compartimentação do saber e uma especulação sem nenhum vínculo com a realidade⁶, colocando os filósofos na mira das chacotas públicas, como outrora fora feito por Erasmo de Rotterdam, ao dizer que

... os Filósofos, respeitáveis pela barba e pelo manto (...). A Natureza, entretanto, ri-se magnificamente deles e de suas conjecturas, pois nada tiraram de boa fonte, como o provam as discussões sem fim que sustentam sobre qualquer coisa. Não sabem nada de nada e pretendem tudo conhecer; desconhecem a si mesmos, não enxergam o fosso ou a pedra em seu caminho, ou por cansaço da vista ou por distração do espírito. Ao mesmo tempo, têm a pretensão de ver bem as ideias, os universais, as formas separadas, os elementos-primeiros, as quididades, as exceções, coisas estas tão difíceis de enxergar que até Linceu escapam (ROTTERDAM, 2019, p. 66).

Diante da situação da filosofia moderna e seu afastamento da filosofia antiga que dava ênfase a atitude, a formação e a prática dos exercícios que constituíam no homem uma forma de viver, Hadot dedicou-se à pesquisa da temática, não se limitando a expor a inconsistência de se fazer filosofia antiga analisando possíveis sistemas fechados, mas preocupou-se em expor e abordar a profunda relação existente entre a filosofia e a vida⁷,

⁵O que chamamos de pedagogia do sentimento, diz respeito ao papel que a filosofia exerce como aquela que organiza e direciona os sentimentos humanos de forma holística, o que proporciona e molda uma atitude e um desejo reorientado por pressupostos de nível pré-teórico. Para uma melhor compreensão do que se pretende expressar, confira o livro *Imaginando o Reino: A Dinâmica do Culto*, onde o filósofo James K. A. Smith, trabalha em uma tentativa de elaborar uma “filosofia da liturgia”, bem como uma investigação de possíveis pedagogias do desejo presentes no mundo secular

⁶Não é à toa que Platão disse ser a filosofia “a maior das músicas” (Fédon, 60e), pois assim como a música contemporânea que experimenta do desenvolvimento da “teoria crítica de Adorno, a musicologia de Zuckerkandl, Daniélou e Dahlhaus, bem como a obra do filósofo italiano Giovanni Piana” (BALBONI, 2018, p. 23) que desencadeou em uma fragmentação do conhecimento, fazendo com que a ética e a estética se divorciassem da prática musical ao passo que o que formava agora só se comercializa e se aprende a técnica. Semelhantemente, a filosofia também perdeu as implicações de contração e harmonização do espírito, sendo relegado a ela apenas especulações e discussões técnicas.

⁷Embora a filosofia de Hadot possa ser desprezada nos ambientes acadêmicos brasileiros, nota-se que sua filosofia é de extrema relevância, pois com tantas pessoas vivendo no que poderíamos chamar de o “vale da sombra da morte”, onde o sentido existencial fora perdido, o que Hadot propõe em sua investigação é apresentar maneiras de viver que apresentam uma finalidade para a existência humana. É um resgate àquilo que dá sentido ao viver, que reavalia a finalidade humana, portanto, é uma empreitada que oferece uma reordenação do próprio homem, proporcionando uma conversão (*metanoia*) da própria alma (*psyché*).

expondo a importância de se encontrar o objetivo das escolas filosóficas que era o de proporcionar uma maneira de viver coerente e que despertasse no homem o desejo pela vida autêntica e que realmente valesse a pena ser vivida. E, por fim, apresentou sua tese em linguagem acessível, sem ser pedante ou provocando reducionismos infieis à verdade e ao ideal filosófico que o despertou. Desse modo, pergunta-se, o que seriam os *Exercícios Espirituais*?

2. Os Exercícios Espirituais

Hadot não fazia distinção entre discurso filosófico e vida filosófica. Muito pelo contrário, para nosso filósofo, o bom discurso deve estar alinhado à vida, pois o discurso deve proporcionar uma transformação, por “trata-se, antes de tudo, de [um] tornar-se melhor” (HADOT, 2014b, p. 250), de uma conversão. Conversão, talvez vista pela tradição ocidental é o próprio ato de morrer espiritualmente para uma nova vida, o que coaduna com a visão abordada sobre as escolas filosóficas proporcionarem um caminho que conduziria o homem a esculpir a si mesmo, ainda vivo. Daí segue-se o caráter interdisciplinar da filosofia, tomando, por exemplo, a própria cultura – tida não em um sentido diminuto, mas como um ciclo que o Indivíduo⁸ percorre para chegar ao conhecimento de si próprio, como outrora afirmara Kierkegaard (1974) – para a edificação do homem⁹ e tornando-se educadora, pois como afirmou Platão,

... a educação não será mais do que a arte de fazer essa conversão, de encontrar a maneira mais fácil e eficiente de consegui-la; não é a arte de conferir vista à alma, pois vista ela já possui; mas, por estar mal dirigida e olhar para o que não deve, a educação promove aquela mudança de direção (PLATÃO, 2016, p. 583)

Tal mudança será resultado da prática dos exercícios (ou ascese, cuja origem deriva-se do grego *áskesis*) espirituais, do cuidado de si. Dessa forma, nosso pensador entende os exercícios como uma “arte de viver”, fazendo com que o homem passe “de

⁸ Aqui, o indivíduo é posto com a inicial maiúscula por se entender que este é o estado mais elevado que se possa alcançar, pois para Kierkegaard, esta é a tarefa mais importante do sujeito

⁹ O filósofo é um professor e um diretor de consciência que não busca expor sua visão do universo, mas formar discípulos por meio dos exercícios espirituais” (HADOT, 2019, p. 18). Ao descrever o papel do filósofo, Hadot, parece destacar aqui o seu caráter pedagógico no uso dos exercícios espirituais, colocando-os como instrumentos de uma verdadeira *Paideia*. Cf.: JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

um estado de vida inautêntico, obscurecido pela inconsciência, corroído pela preocupação, para um estado de vida autêntico, no qual o homem atinge a consciência de si, a visão exata do mundo, a paz e a liberdade interiores” (HADOT, 2014a, p. 22), ou seja, é também uma espécie de “conversão da atenção” e um trabalho artístico que busca o verdadeiro eu (HADOT, 2019).

Esse trabalho é árduo e importante para que a felicidade seja possuída pelo homem, pois como afirma Sêneca (2017, p. 11- 12), “não dispomos de pouco tempo, mas desperdiçamos muito”¹⁰. Por isso, faz-se necessário reordenar a maneira de viver e a forma de se compreender o mundo ao redor para que se saiba a arte do *carpe diem*, afinal de contas, a vida é uma festa e o filósofo é alguém que, embora esteja privado, ele sabe e toma como empreitada a busca pela sabedoria e pela felicidade, pois, “é assim que acontece: não recebemos uma vida breve, mas a fazemos; dela não somos carentes, mas pródigos”¹¹. Portanto, os exercícios espirituais seriam um meio pelo qual se alcança uma maneira de viver que proporcione a verdadeira paz de espírito, que proporcione a tranquilidade da alma (*ataraxia*) e a liberdade interior (*autarkeia*) (HADOT, 2014a).

Com isso, Hadot (2019b) afirmou ter encontrado, ao longo de suas pesquisas¹², esses “exercícios” – inclusive nas escolas céticas –, que seriam práticas e atitudes voluntárias e pessoais. Embora chamemos tais exercícios de “espirituais”¹³, o que pode fazer com que o leitor entenda que o autor esteja fazendo alusão ao *Rosetum Exercitiorum Spiritualium et Sacrarum Meditationum*¹⁴ de Johannes Mauburnus (1460-1501 d.C.) ou, ao *Exercitia Spiritvalia* de Inácio de Loyola (1491-1556 d.C.), ambas as obras são apenas uma versão cristã de toda uma prática que se fundamenta na

¹⁰ *Sobre a brevidade da vida*, I, 3.

¹¹ *Ibid*, I, 4.

¹² Faz-se necessário destacar que, embora nosso filósofo suponha que pode ter existido uma pré-história dos exercícios espirituais, ele afirma ser difícil identificá-los e demonstrá-los na época dos pré-socráticos, pois o problema das fontes e a dificuldade em se interpretar com exatidão os fragmentos, acaba por dificultar a possibilidade de uma afirmação clara que concisa sobre o assunto. O que podemos supor é que a técnica do exercício (*áskesis*) filosófico foi algo presente no ensino oral das escolas filosóficas (HADOT, 2019b, p. 271).

¹³ A palavra espiritual permite entender bem que esses exercícios são obra não somente do pensamento, mas de todo o psiquismo do indivíduo e, sobretudo, ela revela as verdadeiras dimensões desses exercícios: graças a eles, o indivíduo se eleva à vida do Espírito objetivo, isto é, recoloca-se na perspectiva do Todo (Eternizar-se ultrapassando-se), assim destaca o nosso autor. (HADOT, 2014a, p. 20).

¹⁴ Ainda que o autor não cite essa obra nos textos com os quais temos trabalhado, ela acaba sendo mais antiga que a de Inácio ao tratar da temática dos exercícios espirituais, por isso, torna-se digna de nota.



tradição greco-romana, a qual permaneceu e se desenvolveu ao longo dos séculos, ao passo que Hadot (2014a) julgou ter encontrado uma amostra dessa tradição nos escritos de Goethe¹⁵. Embora seja difícil delimitar bem quais são os exercícios espirituais,

... graças a Filo de Alexandria, possuímos duas listas de exercícios. Elas não coincidem totalmente, mas tem o mérito de nos dar um panorama bastante completo de uma terapêutica filosófica de inspiração estoico-platônica. Uma dessas listas enumera: a pesquisa (*zetesis*), o exame aprofundado (*skepsis*), a leitura, a audição (*akroasis*), a atenção (*prosochè*), o domínio de si (*enkrateia*), a indiferença às coisas indiferentes. A outra nomeia sucessivamente: as leituras, as meditações (*meletai*), as terapias das paixões, as lembranças do que é bom, o domínio de si (*enkrateia*), a realização dos deveres (HADOT, 2014a, p. 24-25).

Com a lista, observa-se quão rigorosa é a terapêutica filosófica que na antiguidade era proposta. Isto porque a pesquisa e o exame aprofundado, além de exigirem uma abdicção do tempo de lazer para que a labuta seja mais bem praticada, nelas, a atenção (*prosochè*) também era requisitada por proporcionar uma vida atenta ao momento presente e uma vigilância do espírito que sempre dá ao homem a oportunidade de responder, sempre que necessário, aos acontecimentos que o sobrevêm (HADOT, 2014a).

Quase todas as escolas filosóficas do período antigo possuíam os seus exercícios, mas pode-se notar algumas diferenças de uma escola para outra. Por exemplo, existe um exercício espiritual platônico cuja prática promove uma renúncia aos prazeres dos sentidos e uma conduta que desemboca em um regime alimentar que, em certa medida, recebendo influência neopitagórica, chegava a uma abstinência de carne animal, cujo objetivo era um enfraquecimento do corpo juntamente com a prática dos jejuns e vigílias, visando uma melhor vida no espírito, algo ainda presente no cristianismo, principalmente, o de matriz pentecostal, onde estas práticas ainda são latentes e constituem uma identidade do movimento religioso.

Há ainda os exercícios praticados pelos cínicos e por alguns estóicos onde a atitude de suportar a fome, o frio, as injúrias, suprimir todo o luxo, todo o conforto, todos os artifícios da civilização, tendo como finalidade levar o homem a adquirir resistência e conquistar a sua independência em relação àquilo que lhe sobrevêm.

¹⁵Cf.: HADOT, Pierre. **Não se esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais**. São Paulo: É Realizações, 2019.



Dessa forma, observe, o homem se desprenderia e sofreria um processo de libertação daquilo que outrora o dominava e fazia de si escravo dos objetos e prazeres ofertados no lugar de sua habitação, resultando, portanto, que os exercícios dos cínicos busquem sempre um retorno à pura natureza¹⁶, se possível, para o seu aspecto animal, pois, para eles, a civilização representa algo de ruim para a relação do homem com a realidade.

Os pirrônicos levantavam o seu juízo, não julgando o que era bom ou mau, colocando-se, portanto, como indiferentes em relação às coisas (HADOT, 2014b), evitando o sofrimento, ao passo que não tomavam partido, mas entendiam que o curso da existência tomava o seu rumo e em nada dependa do homem, nem sequer seus julgamentos poderiam mudar o destino, portanto, a indiferença seria o melhor caminho para uma vida feliz, pois, como bem sabemos, essas práticas comuns às escolas da antiguidade, tinham como fim o “purificar das paixões” e a posse da felicidade que seria resultado eminente advindo dos exercícios que tinham como finalidade levar o homem para um patamar de independência, liberdade, autonomia, ou seja, ao retorno do que realmente é o homem e do que verdadeiramente dele depende (HADOT, 2014a).

A prática dos epicuristas consistia em limitar os seus desejos entre naturais e necessários, os quais devem ser satisfeitos, por exemplo, a fome e a sede; naturais e não necessários, como a variação dos tipos de alimentos que se vai ingerir, isto é, hoje como carne de frango, amanhã de porco; e os que não são nem naturais nem necessários, como honrarias, riquezas e glória. Os primeiros devem ser satisfeitos, mas os dois últimos devem ser evitados. A boa e reta prática desses limites dos prazeres para que ao prazer puro se pudesse alcançar, assegurava uma ausência de perturbação da alma, o que faz com que o indivíduo rivalize em felicidade com o próprio Zeus (HADOT, 2014a).

Já o estoicismo, cuja filosofia é regada de vigilância, energia, tensão da alma etc., seu exercitar consiste em viver consciente e livre: consciente, ao reconhecer-se como parte do cosmos, abandonando a individualidade e abraçando o todo; livre, renunciando àquilo que não depende de nós e que nos escapa, não se preocupando como o calor do sol ou com as chuvas torrenciais que as nuvens fazem jorrar sobre o homem, pois, em relação a esses fenômenos, cabe ao homem apenas sorrir, já que não

¹⁶ Cf.: PINHEIRO, M. R. *Ascese cínica e a oposição Nómos e Phýsis*. O que nos faz pensar? PUC-Rio, v.30, p. 239-252, 2011.

há maneira de escapar deles, ou impor o domínio humano. Essas atitudes têm como finalidade fazer com que nos preocupemos apenas com aquilo que está sob o nosso domínio. Dessa forma, Pierre Hadot descreve e exemplifica os exercícios espirituais da filosofia antiga, que sempre “buscavam o aperfeiçoamento e a realização do próprio homem” (HADOT, 2014a, p. 55).

3. Agostinho e o *De Beata Vita*

Antes da sua conversão, Agostinho já havia projetado um *otium* cultural com seus amigos, porém, parece que não deu certo¹⁷. Mas quando se converteu ao cristianismo, por influência de Ambrósio, acabou por fazer aquilo que outrora desejava realizar: se retirou para ingressar em uma labuta intelectual. Neste retiro, que ele chamou de *Christianae vitae otium*, um “ócio da vida cristã” (BROWN, 2020), certamente não faltaram meditação, diálogos e leituras, atitudes e práticas que já poderiam ser consideradas como exercícios espirituais, bastando estarem direcionadas a uma terapia da alma.

Assim, no dia 13 de novembro de 386¹⁸, na chácara cedida por seu amigo Verecundo, em Cassiciaco, estavam com o jovem filósofo a sua mãe, chamada Mônica, uma mulher estupenda, “parecendo beber num manancial de recursos ocultos de certeza absoluta” (BROWN, 2020, p. 144) e seu irmão mais velho Navígio, que, com insistência, ao se recusar em aceitar o que seu irmão falava, obrigava-o a explicar mais detidamente o assunto. O filho de Romaniano, Licêncio, também se fazia presente como um luminar, o que não pode ser negado devido a sua presença nas páginas dos primeiros diálogos do nosso jovem filósofo. Estavam também, Trigésio, Lastidiano e Rústico, além do seu amado filho Adeodato.

Este grupo de indivíduos que se juntaram a Agostinho parece constituir uma espécie de discípulos ou aprendizes daquilo que o então filósofo tem a ensiná-los, isto

¹⁷Já quase tínhamos resolvido viver sossegadamente, retirados da multidão. Tínhamos projetado aquele sossego deste modo: se alguma coisa possuíssemos, juntá-la-íamos para uso comum, combinando formar de tudo um só patrimônio, de tal forma que, por uma amizade sincera, não houvesse um objeto deste, outro daquele, mas de tudo se fizesse uma só fortuna, sendo tudo de cada um e tudo de todos. Parecia-nos que se poderiam reunir na mesma sociedade cerca de dez homens. (...) Mas quando se começou a pensar se as mulheres que uns já tinham e eu desejava ter o permitiriam, desfêz-se em nossas mãos todo aquele projeto que tão belamente imaginávamos. Arruinou-se e teve que se rejeitar (Confissões, VI, 14, 24).

¹⁸ *De beata vita*, I,6.

é, a filosofia. Mas não uma filosofia qualquer nem regada de sistematizações pedantes e incompreensíveis pelos mais simples; ao contrário, a filosofia de Agostinho coloca os homens simples em lugar de destaque, pois são estes que são convidados a ouvirem as verdades proclamadas pelos oráculos das mais fecundas doutrinas¹⁹ e são os pequenos que se engrandecem ao se dedicarem aos grandes problemas²⁰. Dessa forma, neste tempo de ócio, Agostinho convida os participantes para desfrutarem de um alimento que pudesse nutrir a alma, de uma filosofia que é uma disposição, um prazer, uma razão de viver, uma propensão àquela atividade, um interesse eminentemente filosófico (HADOT, 2014b), que não só orienta, mas também concede um gozo para a alma.

Em outro livro chamado *A Ordem*, também escrito neste retiro, Agostinho nos conta que eles estavam se dedicando aos estudos das artes liberais (dialética, gramática, retórica, aritmética, música, geometria e astronomia)²¹, colocando, portanto, os textos deste período, em especial o *De beata vita*, como uma amostra de possíveis exercícios espirituais praticados por este grupo, pois as artes liberais apresentam características dos exercícios antigos, onde a leitura, presente nos estudos gramaticais, são um esforço intelectual que necessita do sujeito o controle de si e a criação de um hábito que o transforma. Além disso, o ato de estudar é uma atitude que está relacionada com as paixões da alma, pois o indivíduo deve reorganizar o seu tempo e dedicar-se a algo, abrindo mão, portanto, de outras coisas, o que faz com ele eleja prioridades para si. Tais elementos, observa-se nos colóquios agostinianos, porque não só os seus ouvintes renunciaram o seu tempo, mas o próprio Agostinho assim fez da sua carreira para que pudesse se dedicar a algo mais excelente, que é o nutrir da alma²². Dessa forma, Agostinho parece resgatar aquilo que outrora fora a filosofia antiga como apresentada por Pierre Hadot.

Sócrates é o grande luminar desse tipo de filosofia, pois, “no diálogo socrático, a verdadeira questão que está em jogo não é *aquilo de que se fala*, mas *aquele que fala*”, afinal, Sócrates não tem como intento o desejo de ensinar, pois ele mesmo diz que nada sabe, mas ele “acossa seus interlocutores com questões que os colocam em questão, que os obrigam a prestar atenção a si mesmos, a ter cuidado consigo mesmos”

¹⁹ *Contra os Acadêmicos*, I, 1, 1.

²⁰ *Ibid.*, I, 2, 6.

²¹ *A Ordem*, I, 2, 4.

²² *De beata vita*, II, 8.

(HADOT, 2014a, p. 36-37). Semelhantemente, o futuro bispo de Hippo, também possuía essa preocupação²³, basta atentar-se para o fato de que o próprio *De beata vita* é um livro que fora um diálogo que realmente se travou entre familiares e discípulos, o que nos leva a vislumbrar a finalidade da discussão que é a de conduzir o homem e levá-lo a compreender a si mesmo. Mas não só isso: hoje, o texto convida os leitores a se identificarem e questionarem a própria vida e a busca pela felicidade. Certamente a tarefa não é fácil, pois ler é algo extremamente complexo por exigir concentração, dedicação e meditação (*meletai*), o próprio Goethe, por exemplo, demorou oitenta anos para aprender a ler e mesmo assim não soube dizer se teve sucesso.

Influenciado por uma cultura que estava acostumada com navegações e correntes marítimas²⁴, Agostinho inicia o *De beata vita* colocando a filosofia entre o caminho para a felicidade: segundo ele, o porto da filosofia “é o único ponto de acesso à região e à terra firme da vida feliz” (*I, 1*). Ele, que não adere a um fideísmo cego, muito menos a um racionalismo árido, antes entende que a fé deve buscar a razão e tê-la como uma auxiliadora a ponto de usá-la na busca da vida feliz (*I,3*), no conhecimento de si mesmo e de Deus.

4. Os Colóquios Filosóficos

Logo no primeiro dia dos colóquios realizados no Cassiciaco, a discussão filosófica é instigante. A questão levantada diz respeito ao homem ser composto de alma e corpo (*II, 7*). Atente-se, a pergunta circula e diz respeito ao homem²⁵ demonstrando a preocupação em se conhecer e definir a si mesmo. Como poderia o homem discutir sobre sua felicidade se, antes ele não se conhecer? Ao constatarem a existência da alma e do corpo, perguntaram-se sobre o alimento da alma, esta que é deliberadamente desejante²⁶, ao passo que Agostinho responde ser o seu alimento a “moderação, temperança ou frugalidade” (*II, 8*), virtudes e frutos presentes no homem sábio, enquanto o ignorante continua em jejum e repleto de vícios. Embora todos os

²³ Não é à toa que ainda se discute o lugar de Agostinho na história da filosofia. Seria ele um homem do medievo ou da antiguidade? Bem, julgamos que ele está mais perto dos antigos do que se imagina, pois as suas preocupações e discussões estão em pleno contato com os problemas suscitados nesse período.

²⁴ Por um lado, havia os gregos e a *Odisseia* de Homero; do outro, estava *A Eneida* de Virgílio.

²⁵ Para santo Agostinho, portanto, pode haver, e há, uma grande abundância de especulação, mas ela sempre visa fins práticos e seu ponto de aplicação imediata é o homem (GILSON, 2010, p. 17)

²⁶ O homem como um ser desejante. Cf.: MADUREIRA, Jonas. *Inteligência Humilhada*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

homens tenham o desejo de ser feliz (II,10), nem todos o serão, pois não se pode desejar qualquer coisa. Para que se possua a vida feliz é necessário que o homem “procure um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida” (II, 11). Dessa forma, no primeiro dia constataram que a posse da felicidade é característica do homem sábio, pois não se pode ser sábio, sem a felicidade (II, 14), mas também afirmaram que, só é feliz quem a Deus possui (II, 11).

No colóquio do segundo dia, Agostinho faz uma afirmação emblemática: “com efeito, demonstramos pela razão: ser feliz quem possui a Deus” (III, 17). É muito interessante como o futuro bispo de Hippo assevera utilizar da razão para se chegar a tais conclusões. Ele não é um racionalista, nem mesmo um fideísta, pois ele coloca ambos os elementos em seus devidos lugares de cooperação e intersecção. Na discussão, Agostinho mostra como o homem nunca está sem Deus – ontologicamente, visto que, sem Ele, o homem não existiria –, mas isso não lhe garante a felicidade, dado que o homem pode “fugir de Deus”, ao passo que se lança no pecado e nos vícios. Dessarte, questiona-se o que é necessário buscar?

Ao iniciar o terceiro dia do colóquio, Agostinho faz a seguinte colocação:

... E não precisamos indagar se o sábio sofre de necessidades corporais, pois essas coisas não se fazem sentir na alma – sede da vida feliz. A alma do sábio é perfeita: ora, ao que é perfeito nada falta. Ele se servirá de tudo o que for necessário a seu corpo, e estiver a seu alcance. E, caso contrário, a falta desses bens não conseguirão abatê-lo. Posto que a característica do sábio é ser forte, e o forte nada temer. Assim, o sábio não teme a morte corporal, nem os sofrimentos que não consegue expulsar, evitar ou retardar, com a ajuda daqueles bens, de cuja posse pode acontecer ver-se privado. Entretanto, não deixará de se servir honestamente desses bens, caso os possua (AGOSTINHO, 2019, p. 145-146)²⁷.

Assim, evidencia-se um ideal: o homem do porto deve buscar se tornar sábio, forte e nada temer, mas ainda lhe faltará algo. Agostinho não encerrou a discussão. Ele constatou que “a sabedoria é a medida da alma, pois ela é, evidentemente, o contrário da estultícia” (IV, 32), daí, segue-se que a sabedoria seria a moderação do espírito.

Dessa forma, ele entendeu que a vida feliz consiste em encontrar a sabedoria e contemplá-la, fruí-la. Enfim, ao tê-la consigo, o homem não se voltará para as coisas vãs e enganosas, pois estará abraçado ao seu Deus, de forma que não voltará

²⁷ De beata vita, IV, 25

àquela infelicidade de outrora (IV, 33). Perceba, “encontrar a sabedoria é um movimentar do olhar, é uma atenção (*prosochè*), ao passo que, o homem em estado de vigilância, também está com uma consciência sempre desperta e atenta” (HADOT, 2014a, p. 25) para aquilo que realmente é digno de sua atenção.

Parece que o filósofo africano está alinhado ao capítulo I do livro de Eclesiastes, onde se fala sobre as canseiras do mundo e a não fartura em se olhar o que está diante de nós. Um exemplo disso, é que ninguém afirma estar cansado de olhar para o mar. Sua imensidão e beleza, a qual não se pode exprimir, também não se é possível se faltar de olhar e contemplar. Essa abordagem é uma forma de mostrar como as coisas finitas apontam para um criador ainda maior e que deve ser desejado para o contentamento humano. “Essa sabedoria que o navegante deve buscar possui-la, é o Filho de Deus, Jesus Cristo, o Senhor” (GILSON, 2010, p. 28). A felicidade, portanto, consistirá na fruição de Deus que está na comunhão com a Trindade (IV, 35).

Questiona-se sobre o lugar de Agostinho na história da filosofia²⁸: estaria ele entre os antigos ou medievais? Bem, é o escopo deste texto tal assunto, Agostinho viveu e se envolveu com questões provenientes da antiguidade, ou seja, embora ele tenha feito grandes contribuições para a aproximação da filosofia grega com o cristianismo, o que o coloca bem próximo dos medievais, ele também se dedicou e se expressou como um filósofo antigo, pois o que se apresenta nos colóquios já mencionados, é uma maneira de se viver no estilo da filosofia antiga. O homem do porto do *De beata vita*, é alguém que precisa encontrar a verdade e se banhar no mar das virtudes. Note, “o que é, em última instância, o mais útil ao homem enquanto homem? É discorrer sobre a linguagem ou sobre o ser e o não ser? Não é, antes, aprender a viver uma vida humana?” (HADOT, 2014a, p. 329). Essa característica filosófica tão presente nas escolas da antiguidade, também se sobressai no diálogo agostiniano, onde a glória da filosofia está em conduzir o homem para a bem-aventurança, deleite e uma vida autêntica.

Agostinho, ao longo do seu texto, inspirado pela figura de Sócrates, utiliza-se da dialética para conduzir seus ouvintes até a verdade. Pois bem, esse movimento heurístico e dialético, apresenta-se como um exercício espiritual, no qual o ouvinte é

²⁸Cf.: PERINI-SANTOS, E. *Por que Agostinho não é um filósofo medieval (e por que é importante compreender isso)*. KRITERION, Belo Horizonte, n°131, p. 213-237, Jun/2015.



chamado a sofrer mudanças, ao passo que experimenta da ascese. Assim, no discurso agostiniano, da mesma maneira que o platônico, a discussão não diz respeito a dois indivíduos que desejam impor seu ponto de vista, “mas de um esforço realizado em comum por dois interlocutores que querem estar de acordo com as exigências racionais do discurso sensato, do *logos*” (HADOT, 2014b, p. 99). Com isso, observa-se que Agostinho apresenta um modo de vida aos seus ouvintes que deve ser acompanhado da filosofia, pois só assim o indivíduo viverá bem e obterá a vida plena que está reservada para o dia vindouro.

Considerações Finais

No texto, buscamos apresentar a temática da felicidade e os possíveis desdobramentos para o homem a partir do escrito de juventude de Agostinho. Para isso, mostramos uma parte daquilo que unifica as diversas escolas filosóficas da antiguidade que são chamados de “exercícios espirituais” e que representam o tamanho da ruptura da filosofia contemporânea com aquele período. Com vistas a chamar a atenção para um dos grandes luminares do pensamento ocidental, buscamos apresentar possíveis pontos de contato entre a sua filosofia e o ideal filosófico antigo, o que contribui para reflexão sobre o seu lugar na história da filosofia e da sua contribuição para uma filosofia que se preocupa com a transformação do indivíduo por completo.

Por fim, tentou-se demonstrar que é apropriado considerar o *De beata vita* como um livro, além de religioso, amplamente filosófico, apresentando traços da filosofia antiga que serão desenvolvidos posteriormente nos escritos agostinianos. Com isso, ainda que não tenhamos sido exaustivos, espera-se que o presente texto tenha despertado a curiosidade para possíveis pesquisas sobre a relação entre Agostinho e o ideal de filosofia apresentado por Pierre Hadot.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO. **Confissões e De Magistro (Coleção os Pensadores)**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.



_____. **Contra os Acadêmicos, A Ordem, A Grandeza da Alma e O Mestre.** São Paulo: Paulus, 2019.

_____. **Solilóquios e a Vida Feliz.** São Paulo: Paulus, 2019.

BALBONI, André. **Sopro das Musas: Fundamentos Filosóficos da Música.** São Paulo: Odysseus Editora, 2018.

BARNES, Jonathan. **Filósofos Pré-Socráticos.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia.** Rio de Janeiro: Record, 2020.

DALPRA, Fábio. **A Vida Feliz: Uma Aproximação das Concepções de Agostinho e Luc Ferry.** *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v.5, n.1, p. 164-174, 2008. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/06/5-9.pdf>>. Acessado em: 18 jun. 2021.

GILSON, Étienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho.** São Paulo: Paulus, 2010.

HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga.** São Paulo: É Realizações, 2014a.

_____. **O que é a Filosofia Antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

_____. **Plotino ou a Simplicidade do Olhar.** São Paulo: É Realizações, 2019.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Temor e Tremor (Coleção os Pensadores).** São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KREEFT, Peter. **Três Filosofias de Vida.** São Paulo: Quadrante, 2015.

PLATÃO. **A República.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: ed.ufpa, 2016.

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura.** São Paulo: Martins Fontes, 2019.

SÊNECA. **Sobre a Brevidade da Vida, Sobre a Firmeza do Sábio.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.